

FADINHA

11

Linda como era, não lhe faltavam adoradores de todas as edades e categorias. Muitos homens se abalavam da cidade até o Engenho Novo para ter a satisfação de contemplal-a, delles conduzidos pela simples curiosidade, delles instigados pela vaga esperança de uma promessa envolvida n'um sorriso ou n'um olhar. Pode-se dizer que durante muito tempo a formosura celebre de Fadinha contribuiu para o augmento da receita dos trens dos suburbios, e para a animação do bairro, que naquelle tempo não tinha a povoação de hoje.

Muitos dos adoradores da moça chegaram á fala, declarando-se animados das intenções mais puras, e entre elles alguns havia realmente dignos da singular ventura de casar com Fadinha; ella, porém, a todos repelliu com a maior delicadeza e compostura.

Um dia, o Raposo e arribou para jantar em sua casa o Remigio, um bom rapaz, amanuense da mesma secretaria em que elle exercia as suas velhas e monotonas funções de official. Esse Remigio era uma das perolas da repartição, um homem de zelo, intelligencia e assiduidade, um empregado «de muito futuro», como diziam todos; mas não era bonito, nem elegante, nem primava, digamol-o francamente, pela distincção de maneiras.

Entretanto, de todos quantos passaram diante dos formosos olhos de Fadinha, foi esse o unico homem que lhe mereceu attenção, Negociantes acreditados e dinheirosos, funcionarios bem collocados, politicos destinados ás mais brilhantes posições, advogados, medicos, officiaes do exercito e da armada, etc., tiveram todos que ceder logar, no coração de Fadinha, a esse amanuense pallido, desageitado, mal vestido, que ganhava apenas 100\$ 60 mensaes.

A moça parecia ansiosa, por que o seu coração se man festasse: immediatamente deu a entender a Remigio que elle seria vencedor entre os numerosos candidatos á sua mão. O amanuense, que era modesto por natureza e nem mesmo em sonhos imaginára esposar algum dia a moça mais bonita do Rio de Janeiro, ficou lestravado com uma preferéncia que nem mesma solicitára, e apaixonou-se deveras por Fadinha.

Logo que se manifestaram claramente os primeiros symptomas daquelle amor, houve um sobresalto na familia. D. Firmina viu approximar-se o peigo, e um dia, dep is do almoço, quando o marido se dispunha a sair de casa, communicou-lhe os seus receios; mas o Raposo, que tinha pelo Remigio uma affeição paternal, e não via com maos olhos a perspectiva do seu casamento com Fadinha, limitou-se a sorrir, dizendo:

— E' muito natural que elles gostem um do outro e que se casem.

— Vou está falando serio?
— Ora esta! Muito serio! Por ventura o Remigio não é digno da pequena?
— Um simples amanuense?
— E em que sou?... que era eu quando fomos á igreja?... Fadinha se casara conforme o seu agrado; se gosta de um amanuense e não de um ministro, paciencia! Não quer ser rica: faz bem, porque a felicidade não está no dinheiro. De mais, o Remigio não é para ahi nenhum pobre diabo carregado de estereiras velhas: o pae deixou-lhe alguma coisa: tem duas ou tres casinhas algumas apolices e muito juizo, que é o essencial. Estimado como é na secretaria, não lhe dou cinco annos para estar chefe de secção. Accenda você a lanterna de Diogenes, que não encontrará genro mais ao piar.

— Deixe-se disso! A nossa filha é muito bonita e...
— Ahi vem você com a boniteza! Isso não vale nada, absolutamente nada! E' muito bonita, é mas não te vintem, — e se casasse á força com algum ricoço, o casamento me pareceria mais um negocio que outra coisa. Demais, seria uma humilhação para a nossa familia, que é pauperrima. Que diabo! não quero explorar a belleza de minha filha, nem contrariar os seus sentimentos, oppondo-me á sua ventura. Você, que é tão religioso, devia pensar como eu.
— Mas nós poderiamos fazer ver a Fadinha que...
— Basta! Já vejo que não nos entendemos neste particular. Na minha opinião, o Remigio é um excel

NINON DE LENCLOS

escarnea da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, não dando saque os pedacos da sua certidão de baptismo que riscava a cada tempo, e já fôra quinhentava-se sobre sua contadoura physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde minha via-se obrigado a dizer o velho rabinete, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e gasta faceira jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltuire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31, Paris.**

Esta casa tem-nos á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERTABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao psoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brinca as pestanas e o suor ercillo, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANOERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convém exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrunzece, elia, assenta a epiderme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir do **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e corralas empinguetas e **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que também impede que caíam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. do 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, com o **Extrait dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. do 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As **Pastilhas de Nafé** são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O **Xarope de Nafé**, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás **CRANÇAS** e muito particularmente contra a **COQUELUCHE**.

Exigir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

NOVO PERFUME

LE REFLE

Incarnat

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

U. Piver

PARIS



VINHO DE CHASSAING

HI-DIGESTIVO

Recellado ha 30 annos

CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS

Paris, Avenue Victoria n.º 6.



HA "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE

Pó Laxativo de Vichy

de D. SOULIGOUX

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e outros os casos em q e se trata de combater a Pobreza do Sangu.

lente partido, e não vejo porque razão a pequena deva aspirar a outro!

— Mas...

— Não ha *mas* nem meio *mas*! Ella que decida, porque — e peço-lhe que tome em consideração as minhas palavras — Fadinha não se casará com quem você ou eu queremos que se case, mas com o noivo que escolher por sua livre vontade, seja amannense, quaticante, czar da Russia ou schahi da Persia!...

— Eu...

— Nem mais uma palavra, Firmina! Você bem sabe que isto aqui não é casa de Gonçalo! Não admitto que debaixo destas telhas nenhuma voz se erga mais alto que a minha!

— Mas o que você está dizendo é uma asneira!

— Uma asneira!... uma asneira!... é a mim que a senhora diz isso?!...

— Sim, sim... é ao senhor!... Estou farta de representar nesta casa um papel tão subalterno!

Vacuo

Quantos sonhos gentis me despertaste,
Quantos sonhos tu mesma destruíste;
Depois que o coração me escravizaste
Meu coração escravo rejeitaste.

Entretanto bem vês que te enganaste
Julgando me enganar, porque bem viste
Que apesar do desprezo que tentaste
Meu coração de amar-te não destiste.

Has de sentil-o sempre no teu peito
A debater-se na desesperança,
Ou esperando ainda uma illusão.

Despreza-o ou por vingança ou por despeito,
Ou guarda-o por despeito ou por vingança
Que eu não preciso mais de coração.

ANTONIO DE LIMA.

BEIJOS

A' MINHA FILHINHA ZULMIRA

Nem imaginas, queridinha, a acção benéfica, nem a força alentadora desse nada — o beijo matinal dos teus treze annos mimosamente cuidados!

Como quando vamos pela estrada deserta em fóra, despida d'árvores, sob o sol mordente, e nos vein, ex-riante de uma moita de matto, acaso crescida á beira do correjo, na bafagem fresca da viração, o aroma do mauacá sylvestre... não! não ha carícia de flôr cheirosa, querida, nem beijo perfumoso de brisa, que valha o beijo filial dos teus treze annos, desabrochado entre sorrisos na corola vermelha da tua boquinha ainda sanctificada pelo balbuciar recente da reza matutina: *Ave! Maria! Cheia de graça...*



PATEO DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL ALLEMÀ EM PARIS

— Nesse caso, vista as minhas calças e passe para cá as saias! Ora não seja tola! Hoje mesmo vou dizer ao Remigio que a pequena é delle!...

— Pois não ha de ser, digo-lhe eu! Quero fazer a felicidade da minha filha!

— Não minha!... A senhora quer fazer a sua propria felicidade e não a della! Não me obrigue a falar, porque se falo, temos escandalo, e escandalo grosso!

E o Raposo contraziava-se, abaixando a voz, para não ser ouvido pelos demais de casa.

— A senhora nunca a esfimou como levava, nunca lhe teve amor de mãe, de verdadeira mãe!... E agora quer vendê-la!... Boas!... Hoje mesmo falo ao Remigio!...

— O senhor é um infamo! Pois saiba que é tão pae della como o bispo!...

— Hein?... que é isso?...

O Raposo cresceu para D. Firmina; mas uma onda de sangue lhe subiu á cabeça; elle abriu desmesuradamente os olhos e a bocca, agitou os braços ao ar, e cahiu fulminado pela apoplexia.

Quando chegou um medico da vizinhança, chamado a toda a pressa, encontrou-o morto.

A. A.

(Continua.)

Coração enfermo

Dizes que tens o coração fechado
Como si fuisse um tumulo sombrio,
Onde dormisse muito calmo e frio,
Um cadaver de poeta amortalhado.

Que o tempo já se foi do desvario:
Que olhas agora com olhar cansado,
Para os dias risonhos do passado
Venturoso, mas breve e fugidio.

Moça e formosa em plena primavera,
Quando a vida inda é fulgida chimera
Porque desesperaste da existencia?

Ama outra vez que has de sentir cantando
De novo o coração desabrochando,
Tal uma rosa em plena florescencia...

TURBONIO DE OLIVEIRA.

Acredita.

Ah! se Deus permittisse que toda a vida, toda, toda, tu fosses a compensação destes espinhos, o enojo deste rosal; e todas as manhãs, todas, todas, pelo tempo a fora, até eu morrer, visse pousar-me sobre a face a caricia perfumosa do teu beijo e a azeda leve do teu sorriso; se Deus permittisse!...

Mas não permittira!

E tu irás um dia, numa primavera qualquer, quando a frieza de mais invernos me pezar n'alma, pousar a caricia do teu beijo mimoso n'outra face que não a minha.

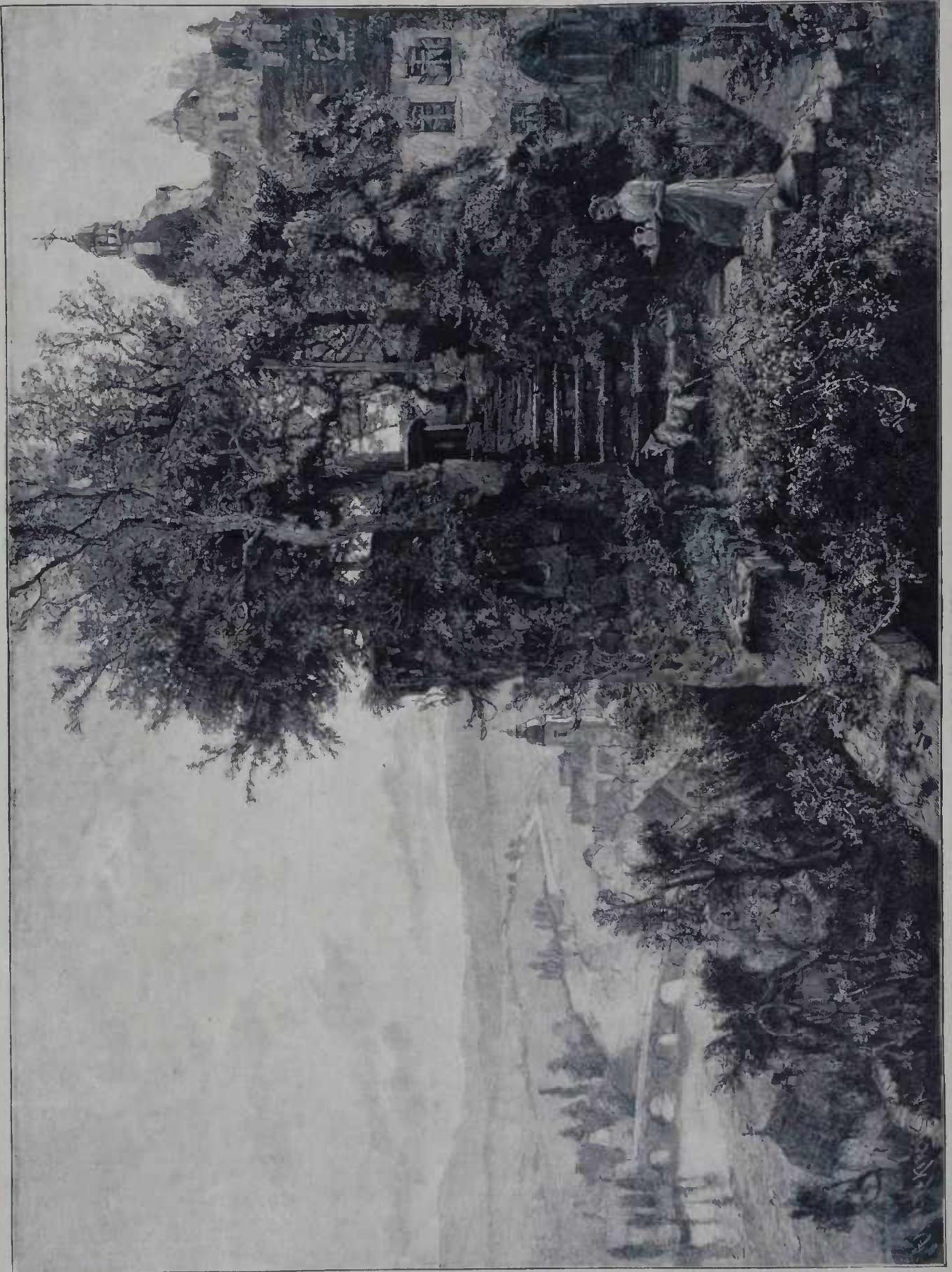
Permitta Deus que os teus labios possam, então, desabrochar como agora neste mesmo sorriso, que é a rosa da roseira da vida, tão cheia de espinhos!

✻

Perdoa, filha, esta mein tristeza que nasce n'alma de pensar em ti, ao adejar-me na face a caricia sorridora do teu beijo infantil, todo perfumado ainda do balbuciar na reza matutina: *Ave! Maria! Cheia de graça...*

Deus te abençõe!

EUZEBIO FREIRE.



A TARDE NO RIO MOSEL

Dormindo

Dorme. Observo-a. Chego-me, de manso;
 Quedo me a contemplar-a extasiado:
 Co's mãos o lindo seio immaculado
 Defendo. De a-loral a me não causo.

Com febre que me grêta, o labio avança
 E da face no lyrio desbotado
 Lhu deixo um frio osculo sagrado...
 Tão leve que nem turba lhe o remanso!

De subito, o seu labio entristecido
 Ao gelo d'esse beijo um raso enflora
 Que de terror me deixa, então, transido...

Perdoa, o anjo aquelle que te adora!
 Meu beijo de ninguém será sabido:
 Não fere o mundo Amor que o mundo ignora!

Niteroy 1900. A. AZAMOR.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Novembro de 1900.

A nota do dia é o processo a que respondem, no tribunal do jury, por crime de conspiração contra as instituições republicanas, o velho conselheiro Andrade Figueira e outros *seigneurs sans importance* como se diz nos *Brigands*.

Causa lastima ver esse homem digno de respeito, na idade em que, mesmo em politica, se deve ter juizo, cercar-se, para conspirar, de um pessoal tão... exquisto.

Que elle conspirasse, vá; o seu ideal é o throno, a escravidão, a tyrannia, e não tenho a pretensão de lutar contra o ideal de ninguém; o que não lhe perdoo é essa alcaetia de que se cercou, tropa fandangosa de má morte, pela qual se deixou conduzir como uma criança tola.

Espero que a lição aproveite; espero que, de hoje em diante, qualquer medalhão do antigo regimen, quando se metta a conspirar, escolha com mais acerto os companheiros com quem tenha de cantar, como na *Madame l'Archiduc*:

Nous venons pour la grande affaire.

Já é a segunda vez que neste artigo cito operetas de Offenbach; mas... que querem?... tivemos uma quinzena realmente burlesca.

Apareceu na Caixa da Amortização um desfalque de 250 contos. Quem é o auctor indigitado dessa ladroçeira? Um mocinho de 20 annos, que foi nomeado fiel do thesoureiro daquelle estabelecimento quando apenas contava 17 primaveiras, prestando uma fiança de 10 contos de réis.

Nomear uma criança para cargo de tanta responsabilidade, e exigir 10 contos de fiança a um empregado que pode facilmente desviar 250, são actos que estão mesmo a pedir musica de Offenbach.

Que interessantes *couplets* dariam as revelações do Sr. Fausto Cardoso!

Este deputado declarou alto e bom som, na Camara, que o Sr. Quintino Bocayua receberá do governo 50 contos como ajuda de custo para acompanhar a Buenos-Aires o Presidente da Republica. O Sr. Quintino protestou, e o Sr. Fausto voltou á carga, declarando que os 50 contos tinham sido dados, não pelo Dr. Campos Salles, mas pelo general Rocca.

Diante da insensatez ofenbaquiiana dessa pilheria, toda a gente se poz a rir, e acabou-se a historia.

No obituario figuram o nome de dois distinctos officiaes superiores da marinha brasileira, os almirantes Eliezer Tavares e Carneiro da Rocha.

Tambem falleceu o Dr. Achilles Varejão, velho litterato e jornalista, que ha muito tempo arrastava, entre as quatro paredes de um quarto, no Huel da Vista Alegre, uma existencia penosa, soffrendo e padecendo horrores.

Pobre Varejão! quem o conheceu tão cbeio de vida e de talento!...

ELOY, O HERÓE.

Nem tudo morre

— « Tudo se acaba! » exclama
 Um fatuo coração;
 Mas não o que ama, o que ama
 Responde? — « Não!
 No tumulo desaba
 Tudo, prazer e dor,
 Tudo se acaba, acaba,
 Excepto o amor! »

ALBERTO DE OLIVEIRA.

THEATROS

Rio, 22 de Novembro de 1900.

Nada temos que acrescentar á nossa ultima chronica: a companhia Taveira dá os seus ultimos esj ectaculos no Apollo, e no Recreio a companhia Pepa se transformou em associação, o que é máo signal. Ainda não houve nesta capital uma associação desse genero que viuggasse.

Recebemos de Lisboa, com intervalo de poucos dias, a noticia do fallecimento de dous artistas que foram muito amigos um do outro, e trabalharam juntos durante muito tempo: o actor Guilherme da Silveira e o compositor Cyriaco de Cardoso, conhecidissimos ambos nesta capital.

Cyriaco era o festejado auctor do *Solar dos harrissos do Burro do Sr. Alcaide* e de outras composições graciosas, que ficaram, e Guilherme, depois de haver enriquecido no Brazil como emprezario, foi para Lisboa, onde construiu, associado a outros capitalistas, o theatro D. Amelia.

Seria mais justo que esse theatro fosse construido, não em Lisboa, mas no Rio de Janeiro. Ha havia alguns bons theatros, e aqui... é o que se vê...

Felizmente ouvimos ragnar e, ao que parece, com fundamento, que o prefeito do districto federal cogita em adquirir para a Municipalidade o S. Pedro de Alcantara, que é, por bem dizer, o nosso unico theatro, e será um monumento digno desta capital desde que soffra certas modificações imprescindiveis.

Salve-se o S. Pedro! X. Y. Z.

BIBLIOTHECA CIRCULANTE OURIVES 30

Empresta livros por 2\$ mensaes.
 Encarrega-se da entrega a domicilio.
 Furnece catalogos. Não exige deposito.

Recordação

Aquella fina jarra que me deste
 — lembro-me ainda e isso me commove —
 Tu mesma é que a compraste e que a trouxeste da rua Larga, cento e vinte e nove.

MARIA ANTONIETTA

Correspondencia

Pedimos á todos que se dirigirem á nossa casa por carta, para pedidos de informações, o obsequio de incluir um sello de 200 reis para a devida resposta.



CRÈME SIMON
 PARA
 CORSO VAR OU DAR
 ao rosto
**FRESCURA
 MACIEZA
 MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospherá, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
 PHARMACIAS, PERFUMERIAS
 e lojas de Castelletes.

Desconfiar das Imitações.

Dr. Campos Salles

Illustracion Sul Americana periódico illustrado, numero especial em referéncia aos acontecimentos durante o estado do nosso presidente em Buenos-Aires. Preço para a Capital Rs. 5\$000; pelo correio registrado Ra. 6\$000.

Bilhetes postaes argentinos com os retratos dos dous presidentes Campos Salles e Rocca Preço para a Capital 500 reis, pelo correio registrado 800 reis.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas DE

Fertim de Vasconcellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Polkas**
 Brincando, por H. Dias 1200
 Vai saindo, por A. Keller 1300
- Tangos**
 Sô de mão, por E. Telles 1300
 Ferruge, por E. Telles 1300
 Tango do pianista, por Costa Junior 1300
- Valsas**
 Tristeza d'alma, por Marius 1300
 Dolente, por Carl's Marques 1300
 Tragabalas (com letra), por Costa Junior 1300
 Amor que mata, por J. G. Christo 1300
 Desprenciosa, por J. G. Christo 1300
 Elegante, por A. Cavalcanti 1300
 Juracy, por A. Nunes 1300
 Lieca, por Evora Filho 1300
 Meus oito annos, por O. Carneiro 1300
 O teu olhar me seduz, por Evora Filho 1300
- Schottisch**
 Alzira, por Campos Junior 1300
 Guanabara, por I. Madeira 1300
 Grinalda de noiva, por Evora Filho 1300
 Primeiro Amor, por E. Telles 1300

- Quadrilhas**
 Borb letas, por E. Couto 1300
 Recordações da infancia, por J. M. Lacerda 1300

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o **brinde** mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

KAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Karope sem narcotico recommndado ha ja 20 annos pelos melhores. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacies.

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bⁱⁿ BARRAL

Recommndados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSOES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO DE ALBESPEYRES

O MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Evita-se a applicação de ALBESPEYRES ao LADO VERDE FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, PARIS e em todas as pharmacies.

DEUS

Continuação

Não seas hypocrita diante dos homens; porque com o tempo manifestará Deus a tua hypocrisia, e ficarás coberto de vergonha e confusão; além disto o hypocrita acia na mesma hypocrisia motivo de novas rechadidas (Ecc. 1 e 31).

Se animado de uma fé viva e constante te mostrares na presença dos homens verdadeiro discipulo de Jesus Christo, elle te reconhecerá diante de Seu Pae, e te concederá a sua gloria; mas se covarde e pusillanime te envergonhares de parecer Christo, Jesus Christo te desconhecerá, e seu Pae não verá em ti senão um servo perfido, e digno de reprovação. (S. Math. 10).

Se á fé ajuntares a pratica das virtudes, a instrução, a sobriedade, a paciencia, a piedade e o amor de Deus e do proximo, não será a tua fé infructuosa. (Epist. S. Jacob. 2).

Exorça te pois, filho meu, em confirmar a tua eleição com o exercicio das boas obras, sem as quaes a tua fé será morta; porque o homem não só é fortificado pela fé, senão também pelas obras, e deste modo alcançarás o reino dos Ceus. (Epist. S. Jacob. 2).

As victimas dos impios são abominaveis ao Senhor, os votos dos justos o aplacam. O caminho do impio é abominação para o Senhor, o que segue a justiça é amado d'elle. A doutrina é má para o que deixa o caminho da vida; o que aborrece a reprehensão morrerá. (Prov. 15).

A iniquidade teme-se pela misericordia e pela verdade; e o mal evita-se pelo temor do Senhor. (Prov. 16).

O temor do Senhor é a disciplina da sabedoria, e a humildade precede á gloria. (Ibid. 15).

A erudição do que a possue é uma fonte de vida; a doutrina do insensato é fatuidade.

O coração do sabio instruirá a sua bocca, e acrescentará graça aos seus labios. O varão impio cava o mal, e nos labios se vai atendo o fogo. A coroa de dignidade é a velhice, a qual se achará nos caminhos da justiça. (Prov. 10).

Se o impio faz penitencia pelos peccados passados, se observa os preceitos do Altissimo Deus não se lembrará mais de suas antigas iniquidades; pois não quer a morte do peccador, senão a sua conversão e vida. Se o peccador pervertido perseverar no caminho da justiça, viverá eternamente. (Ezequiel 18).

Desventurado de ti, filho meu, se depois de haveres abandonado o mundo, e reconciliado com Deus, voltas-te para a perversidade das tuas primeiras inclinações. (Epist. S. Pedro 2), porque Deus não se recordará das tuas virtudes. (Ezeq. 3); e o estado de tua alma será peor do que o primeiro. (Epist. 2^a S. Pedro 2), e morrerás no teu peccado. (Ezeq. 3).

Os que depois de haverem conhecido a justiça de Deus não o glorificam, nem lhe dão ações de graças, senão, que se entregam a vão raciocínio, obscurecem a luz que os illumina, e se dizem salvos, não sendo mais do que verdadeiros impios, Deus os abandona á insipientia de seu proprio coração, e submergidos no abysmo dos mais monstruosos vicios, morrem contumazes, impederidos e impenitentes, na iniquidade. (Epist. aos Rom. 1).

O perverso difficilmente se corrige. (Ecc. 1).

Pelo que teme, filho meu, a ira de Deus, não acrescentes peccados sobre peccados, nem digas — a sua misericordia é grande e me perdoará. Pode entre tanto chegar o dia das vinganças e perder-te. (Ecc. 6). O Senhor é paciente e misericordioso, mas também é justo. A sua indignação é tão prompta como a sua misericordia. (Ecc. 6).

Dá-me, filho meu, o teu coração; e os teus olhos guardem os meus caminhos. (Prov. 23). Não dilates a tua conversão, (Ezeq. 1). Evita o mal, obra o bem. (Psalm. 15) Não diliras de um dia para outro dia o converter-te para o Senhor. (Ecc. 5). Porque ignoramos o que será para nós o dia de amanhã; a vida é um ligeiro vapor, que se dissipa, tão depressa como se levanta. (Ep. S. Jac.) é como a planta que floresce

ao amanhecer, e de tarde murcha se, seca-se, e cae. (Psalm. 8).

A' cada instante nos vamos chegando para a sepultura. O homem ignora a sua ultima hora, e cae na rede varredoura da morte, como os peixes na do pescador, e as aves na do caçador. Ai! Faze quanto ntes, filho meu, todo o bem que possas; porque depois da morte já não estará na tua mão obrar o bem, nem fazer uso do teu entendimento, nem converter em utilidade tua a sciencia e a sabedoria. (Ecc. 9).

A noite está já muito adiantada, e o dia da eternidade bem depressa amanhecerá para nós. (Ep. aos Rom. 18).

A memoria da morte não seja para ti objecto de horror. Os que viveram antes de ti, já morreram, e os que nascerem, igualmente morrerão. É uma sentença que o Arbitro Supremo dos destinos humanos, pronunciou contra todos os homens. Tem pois presente que assim é a vontade do Ser Snpremo, e que nada acontece, nem pode acontecer, que não seja do agrado de Deus. (Ecc. 11).

Figura te aquella dia, em que o Filho do Homem á maneira do relampago que parte do Oriente, virá com magestade cheio de resplendor e de gloria, rodeado de todos os anjos, a julgar a cada um segundo as suas obras; e faze hoje o que então desejarás ter feito. (S. Mat. 24).

(Continua)

Paixão

Tom o dois gões d'absintho e, cerrando as palpebras n'um movimento lento, disse-me com mysterio:

— ... P eis eu lhe conto... Esse homemsinho que você viu, é o Antonio da Conceição; o Antoninho, como toda a gente lhe chama. Sabe quantos annos ali vão?... Calcule; não lhe dá mais de trinta... Pois, sabe quantos ali vão?... Calcule... Isso... Confesse: não lhe dá mais de trinta... Pois, sabe quantos? Ponha lhe outros tantos!... Ai, ai... Sessenta e picos... Aquelle cara de lua cheia, e verdade... Nem rugas, nem pés de gallinha... Rolloço, perfeito, com cada bochecha, que é um Livar a Deus... Um nadinha careca... Mas nem uma branca do bigode... Percebo o que você vai dizer... Pois, não se pinta, não senhor! Aquillo é o que a natureza deu! Forte, rijo, alegre, bom estomago, excellent coração e nada de rheumatismos, nem de figado... Nós cá, o que você vê... Velhos, tropeços e sem vontade nenhuma... Outra tempera!

A primeira vez que encontrei este Antoninho, foi na feira da lavra. Ainda era no campo de Sant'Anna... Onde hoje estão os tapumes da Escola Medica, estavam aos tapumes vermelhos da praça de touros... Ah! meu amigo, isso é que foi praça!... Que tardes, que touros e que toureadas!... O Manuel Mourisca, d'uma vez, com o coração... Caranba! Jinda me ferve o sangue só de parecer que o vejo!... Bons tempos, bons tempos... Onde ia eu? Ah! a feira... Pois, a feira, estendia-se por ali fóra desde a praça, pelo largo adiante, ate para ahi a meio do terreiro... Era no chão e havia de tudo graças a Deus, como na botica... Você já viu uma gaveta de sapateiro? Pois aquillo, mal comparado, era uma gaveta de sapateiro em grande... Havia de tudo, grão e miúdo... Calçado em fêliras, desde as botas altas, as Frederico, até ao tamanho de sola de pau e a babucha d'ourela... Espaldas velhas, retratos a oleo e gravuras de reis t das machadas d'humidade e roidas de traça; commodas antigas e modernas; contadores partidos, tremos equilibrados em tres pernas; fardas ensebadas de militares; castiças moidas de ferragem... Eu sei cá!... o diabo, meu amigo, o diabo!... Mas vinha a isto a proposito de... Ah! já sei!... do Antoninho!

É verdade, foi lá que eu o encontrei... Estava eu, volta não volta, com um feirante, cá por causa de uma cadeira de bacalhau, quando senti que me tocavam nas costas...

Voltei-me: era este magico!

É tal, etc... cumprimentos do estylo, e vai elle pinçou-me de banda e disse-me assim:

«Vossa senhoria, vai fazer-me uma grande fineza... Vac, pois não vac?

Ceda-me essa cadeirinha... sim! É que, vossa senhoria, não imagina talvez... mas, ando e em ella de olho ha tres semanas... Faz-me arranjo por causa da symetria... E a symetria, é tudo!

Tenho uma igmishinha, igmishinha... Fica uma de cá, e em tendo esta, ponha a de lá! Hein? está vendo?... Lindo, lindo! Agradedico, a vossa senhoria!... Cumprimentos-me, deu uma revira volta rapida e compron a cadeira sem esperar resposta minha... Fiquê atômto! Só quando vi tr-se de cadeira ás costas, me lembrei de protestar... Mas o vendedor, muito risinho, agarron me de maninho, e convenceu-me a ficar: «Não faça caso; tem telha... Olhe, ha aqui outra cadeirinha de bacalhau e talvez lhe sirva...» — Fui ver a cadeira e realmente era boa... Homem, lembro-me perfectamente que a comprei por dez to-

ões... É aquella, que está na casa de jantar, você sabe, ao pé da gniola do pajagato...

✱

Tomou outros gões e continuou:

— O homem ficou-me sempre cumprimentando e um dia levou-me a casa. Era n'um quartinho alagado a umas velhas manas do Figueiredo miguelista, que tinham ficado á dependura, quando o mano morreu.

O quarto tinha uma janella para o telhado e cortina de cassa nas vidraças. Explicou-me o Antoninho, que a cortina não era antiga, mas completava a janella e adoçava a luz. «Era a gravatinha da janella, dizia-me elle, biboso, encantado, sentindo-se n'uma aureola de luz artistica a envolvê-lo...»

Estou fêland' bem, não estou? Você, não faça caso! É do absintho! Fui a s vidros e levantei a cortina. De fóra, sobre o beiral do telhado, havia um renque de craveiros e amores perfeitos, em vasos de barro... Avistava-se o Tejo, ao longo... Era bonita, o dem nio da vista!... Mas o Antoninho, levou-me a ver a sua joia, a perola de tudo o seu *bric-abrac*... E poz-se de joelhos para me mostrar melhor... Era um buffete, pequinino, maneirinho, estylo renasçença, bem conservado e perfeito... Era um bom buffete, o demtino!... Puz-me a vel-o, a olhal o bem; agachei-me para o analysar melhor e de coracos eu, e elle, de joelhos, pozem-nos a acaricial-o nos arabescos, com enternecimento, como dois verdadeiros amadores... Elle tinha attitudes biblicas... Prostrado, erguendo as mãos ao ar, enclavinando os dedos e, pondo na bocca pequenos gritos, dobrava-se, roçava a face pela madeira, beijava as figurinhas, aspirava-as com soffreguidão... E, batendo-me palmadinhas no hombro, exclamava, n'um goso de mystico:

«Ah! filho! que volupia de cinzel! que delicadeza tão preciosa!...»

E levantando-se, com uma lagrima ao canto do olho, poz-se a cantar:

«Foi este buffete que me salvou do suicídio... Devo lhe a vida!... Sim, menino, a vida!... Eu morrava n'esse tempo para os lados de S. Bento, e andava todo d'amore por uma creaturinha da rua das Flores... Costureirinha ou coisa que o valha... Nunca tentei averiguar... Passava eu e ella levantava a cortina da janellinha do rez do chão para me ver passar... Era morenita, bexigosa... mas, dava-lhe graça, menino! É, que olhos, que olhos! Um pouco vesga... mas, dava-lhe graça, menino! Muita graça! Pois bem, nunca passou so de eu passar, e d'ella me ver passar... Ollhadellas, sorrisos, e... um dia, vistel-a! Casou com outro ou coisa que o valha... Também, nunca tentei averiguar...»

Mas, que raiva! que coisas cá por dentro; que vontade de bater com a cabeça n'uma parede!... Apaixonado, menino, tal e qual! Com uma vontade de morrer, que nem imagina!... Vae eu, vinha aos tombo, por ali fóra, quando ao Moinho de Vento deparo com este amorinho de buffete, á porta d'um *braca-branquista*... Ah! filho! aqui é que foi... o vel-o e amal-o obra d'um momento! Todo o amor que eu trazia ao demnio da cabra, passou-me por obra magica para a lindeza do buffete...

E todo o dinheiro que eu já andava juntando para pôr casa á rapariga, co necel d'ajuntal-o para esta devoção... E cá está elle...»

— D-se então, o Antoninho, não teve maguas na vida. Morre lhe um parente... pouco dinheiro... as coisas correm-lhe mal... Vae, o meu amigo Antoninho, põe-se em frente do seu buffete, beija-o, faz-lhe festas abre o, e a coisa... passa-lhe... Se ha tempiedade de maior, faz mudança no quarto... O buffete, quem está da direita, passa para a parede da esquerda; o retratinho a oleo, com moldura gothica, muda de poiso; as cadeiras, vão de cá para lá, n'um rodopio, e, ao fim, o Antoninho vai á cosinha, chamar uma das velhotas, e pergunta:

«Então, D. Rutinha, está melhor, pois não está?»

E a velha, com o queixo recurvo de polichinello, e o nariz também recurvo a tocar no queixo, mastiga uma risadinha concordante...

E, aqui tem você, quem é tal Antoninho... — Hi esperei que elle acabasse de esvasiar o copo d'absintho, e, sabendo lhe a guloseima de antiguidade que lhe ia la por dentro, interpeleio-o:

— E você, nunca tentou apazhar lhe o buffete?

— Ora! se tentei! Mas o melro não cahiu... E olhe, que lhe cheguei a propor a traça por uma cama de bilros, uma espada seculo XVII e um prato da India...

— E, elle não quiz?

— Não. Virou-se para mim e gritou-me: «Isso nem que o Antonio tivesse fome!» —

MANUEL PENFEADO.

A orelha

(JEAN RICHEPIN)

Agora que Mr. Birignot morreu e levou os seus trezentos e quarenta mil francos ao meu amigo Andre, posso contar sem inconveniente algum para elle, a historia da sua orelha.

Antes não era possivel, porque o meu amigo corria o risco de perder a herança, e talvez a modesta pensão de cento e cincoenta francos mensaes que sentio lhe dava.

Mr. Birignot, com effeito, tinha o costume de dizer a seu sobrinho:

- Faz o que quizeres - Dedica-te á pintura, já que tanto te agrada essa arte, e diverte-te a vontade. Mas não me enganes, porque se tal caso se desse, desherdaria-te.

Mercê de boas influencias, o meu amigo André obteve uma commissão em Constantinopla, com viagens pagas.

Mas isto nada tem que ver com a historia da sua orelha.

Havia tres semanas que André se achava na capital da Turquia, quando Mr. Birugnot recebeu a seguinte carta:

«Meu querido tio: Sou victima de uma horrivel desventura, que pôde ter para mim um tragico desenlace se o tio não acode em meu auxilio. Salu ha diellas para a costa da Asia e fui capturado por uns bandidos, que só me restituirão á liberdade mediante um resgate de dez mil francos. Estes dez mil francos devem ser enviados telegraphicamente ao meu nome por meio do Credit Lyonnais.

A menor tentativa de denuncia contra os meus sequestradores equivaleria para mim a uma sentença de morte. Um atraso de 24 horas na remessa condemnar-me-ia a uma mutilação, cuja prova o tio receberia no primeiro correo.

Essa mutilação premonitoria seria seguida de outras mais graves se se accentuasse o atraso. Se os meus sequestradores se convencessem de que o resgate não vinha, degolar-me-iam sem piedade. Tal é a espantosa situação em que me encontro e o tio pôde imaginar com que angustia estou esperando a ordem telegraphica, cuja realisação se verificará por certos processos conhecidos dos meus veruzes.

C não no muito affecção do tio e acredite que nunca esquecerei este novo sacrificio o seu pobre sobrinho, a quem o tio salvará a vida.

André Birugnot.

Francamente, André não era capaz de enganar seu tio de um modo tão monstruoso, Mr. Birugnot estava capacitado d'isso. No entanto, dez mil francos é uma quantia importante, de que se não pôde dispôr facilmente.

O tio vacillou e deixou passar 24 horas.

A fim de dois dias, Mr. Birugnot recebeu pelo correo uma caixinha procedente de Constantinopla, sobre a qual se lia a palavra - amostra. Aberta a caixa, Birugnot horrorizado encontrou, em sal, uma orelha.

Ao cabo de dez minutos expedira para Constantinopla os dez mil francos.

Os senhores já perceberam que a orelha em questão não era do meu amigo André. Pois não era, não. O sobrinho tinha enganado pela primeira vez seu tio, enviando-lhe uma prova do captivo de que não era victima. Para tal fim comprara no hospital grego uma orelha de defuncto. Não era engenhoso o estratagemas? Sem duvida tinha pilheria. Mas, e as consequencias da mentira! Pensaria n'isso o meu amigo André?

Estava enamorado doidamente - dizia-me André ao referir-me a historia, - da mulher mais formosa que pôdes imaginar, de um verdadeiro encanto, de um sonho das Mil e uma noites. Uma georgiana de dezesseis annos! Estava á ventura como escrava e pediam-me por ella dez mil francos. Pôde no meu lugar. Terias sido capaz de roubar esse dinheiro para possuires tal mulher.

André comprou a escrava, que era estúpida como um papagaio, aborreceu-a ao cab de oito dias e tornou-a a vender ao seu primitivo dono por 500 francos.

Então comprehendeu a enormidade da falta commettida e pensou nas consequencias da intrujice que fizera ao sr. seu tio. André tinha que regressar a Paris e apresentar-se a Mr. Birugnot, que ao vel-o com as suas duas orelhas, não podia deixar de dizer-lhe com voz de trovão:

- Enganaste-me indignamente e... desherdote! E não se expunha a perder sómente a herança, mas tambem a pensão de cento e cincoenta francos mensaes com que occorria ás mais urgentes necessidades, visto que as suas telas se vendiam a 40 francos.

- Não era possivel levar o caso de brincadeira, dizia-me André. Se Paris valia bem uma missa para Henrique IV, para mim a herança de meu tio valia uma orelha. Portanto, antes do meu regresso, e para acabar de enganar Mr. Birugnot, dei-xei a orelha esquerda no consultorio do meu clurgião.

E a isto se deve que o meu amigo André se pentei á Boticelli para occultar uma parte do resto.

E já que Mr. Birugnot morreu e legou a André os seus trezentos e quarenta mil francos, posso referir, sem perigo algum para o meu amigo, a veridica historia da sua orelha esquerda.

Trad.

CAMARA LIMA.

Contos pequenos

Vem cá, Pedro; baloça-me.

E deitava-se na rede, onde toda se apinhava, os olhos meio cerrados, a ouvir chilrear os pardaes na espessura mysteriosa dos ramos.

Era creoula e vivia a morgada de cilios negros, pestanas ramudas, tez morena afoqueada e labios humidos como polpas de ginja cortada. A morgada, todas as tardes, ao fugir da calma, e quando principiava a viração do mar, vinha reclinar-se na rede: e ali ficava ás vezes até tarde a escutar no silencio esses mil indistinctos rumôres que salpicavam as solidões.

Era o Pedro que a baloçava sempre. Depois se a via adormecida desviava-se cautelosamente para

junto do lago dos Cysnes, onde se punha a scismar numas coisas intangíveis e vagas como os sonhos mal detalhados. Em que pensaria o Pedro? nem elle o sabia, coitado! aspirações sem norte, desejos confusos, extasias que vibravam no fundo de sua alma atirada, projectas sem corpo, todas essas ignorancias ingenuas que não despertaram ainda quando se tem quinze annos so vivido no ambiente puro dos campos.

Ninguém lhe conhecera os paes, ao engeitado. So a governante da morgada ao vel-o passar, cajado ao habro, caminho da matta, dizia: «aquillo é filho de prinipe... não se me tira da cabeça...» E talvez que a velha Dyonisia tivesse razão. Se elle era tão distincto, o diacho do rapaz, mesmo com aquellas vestes grosseiras! O que á tia Dyonisia dava que fazer era a sua cabelleira loira ondeada e os seus olhos uzas e tristes:

- Não ha que ver, aquillo é filho de gente fina... Aoz dez annos fizeram no guardador de cabras; depois foi ajudante de jardineiro; e um dia, quando o velho matteiro deu a alma ao vento, o morgado - que Deus tenha - deu-lhe o logar do morto. O Pedro logo n'essa tarde tornou posse da cabana molesta, na orla da matta quasi ao pé do lago dos Cysnes, e a dois passos do carvalho a que se prendia a rede da creoula.

Este isolamento tornou-o mais melancolico, mais arredado, mais concentrado, mais pensativo; e muitas vezes o surprenderam, á beira do lago, braços cruzados, com as lágrimas nos olhos, ou a cantar amas estrophes em que havia s liços e ais. Viu-o assim a morgada, e desde então sentiu-se tocada pela simplicidade dos queixumes doridos que achavam echo no intimo do seu ser.

Desde então, quando se aninhava na rede, e lhe dizia - vem cá Pedro, baloça-me... - a sua voz tinha modulações cariciosas, humildes, mansas, supplicas expressas a medo, como de quem só espera a confidencia de maguas secretas para deixar cahir o balsamo de uma consolação.

- Vem cá, Pedro, baloça-me... O pinhal deixará de arfar que a viração cahira de todo; os parides nem já davam signal de vida na espessura mysteriosa dos ramos; a matta escurcia mais e mais; e apenas o chaxar rouco de uma ra solitaria rompia o silencio dormente da natureza, ao passo que á rede fazia as pormadas do carvalho. - Vem cá, Pedro... deixa-te estar ali... aqui... mais perto... baloça-me de vagar, muito de vagar... assim...

E toda aninhada, penlente o braço torneado e rijo, os pesitos emergindo de entre um tufo de alvas fimbrias, a cabeça rolando ao vae-vem da rede, os labios entre-abertos num suspiro, a morgada baixou os olhos desde os ramos mysteriosos, cerrou os um quasi nada sobre a cabelleira loira do matteiro, e ficou-se imóvel, absorta, a pairar no vago.

NO MAR

(AUGUSTO LIMA)

Em verde negro, esconso lenho discurro o mar, de além a além... O céu me pede o que eu não tenho, o mar me nega o que elle tem.

O céu me pede a crença e o pranto, Matarme a sede o mar cão quer.

Mesmo com o mar posso eu, no entanto, de minha magua o céu encher?

Quem me mandou a esta viagem? L'onde parti? Quando embarquei? Qual o roteiro? A que paragem? Levo voltar? Não sei, não sei.

Que extranha voz... rumor das vagas, sombras além... nevoa, talvez...

Quem sabe? Estão proximas plagas onde aportar por uma vez.

Não tem a nevoa essa figura, O mar não falla. É uma illusão. Pensar em praia é uma loucura, aves não ha n'esta amplitude.

Desmaia a luz... o vento esfria na agua dormente, a respirar... Porque o tremor, que me arripia, fitando o céu, fitando o mar?

Cão sobre mim a Noite immensa, Que ella confunda em seu negror as sombras vãs da minha crença, a rouca voz do meu pavor?

Mudez e treva, olvido e nada... Melhor. Não sinto o espectro meu. No berço esquefi a alma encerrada, pedia, talvez, que já morreu!

Os dois caminhos

A GEORGINA FERREIRA

Havia ali dois caminhos: um levava ao cimo da montanha - e criante do firmamento que a os hombros lhe péa. De lá, a vista de sol, os poentes afoqueados, o nascer das estrellas.

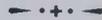
E o Amor disse ao pobre Everard, hesitante e abysmado em profunda contemplação: - Sobre por este caminho; verás d'aquellas alturas a casa de Benny, mettida no longe na planicie, com o seu telhado escuro salpicado de pombos...

O outro caminho levava ao abysmo, e era negro, povoado aqui e ali de espectros que riem na sombra, - sorte de desfiliado do inferno - garganta de assombros. A agua tomba lá em batão, desgalgando pedregos, riem grandes moles de barro e lama, silvam as cobras, coaxam os sapos, zumbam atarantadas legiões de morcegos...

E a Dêr fadou assim ao pobre Everard, hesitante ainda e abysmado em profunda meditação:

- E' este o caminho que te aponta o meu dedo de ferro, vamos lá! Desce depressa, emquanto não te amarro á loucura ou te faço saltar os miolos!

ALBERTO DE OLIVEIRA.



Dolores..

Ja-me'n'alma uma subtil tristeza, Um não sei que de vago e de magoado... Toda de branco, estavas a meu lado; Estava em luar a immensidade accessa.

Nuvens negras na larga correnteza Da luz iam descendo... O contrastado Olhar teu me fiava demorado...

- Tiinhas no labio uma pergunta presa.

- Que tens? - disseste. Estremei, Teu collo Da eór dos gelos virgineos do Polo, Tremia, arfava em languidos arquesos...

E se eu não disse porque então soffria, E' que essa historia ardente eu só podia, Só podia contal a ao som de beijos!

ANTONIO SALLES.

Mosaico

No jury: - Confessa então que abriu com uma gazeta a loja de fazendas onde foi encontrado? - Sim, Sr. juiz. Não quiz morrer sem cumprir a vontade de meu pae... - Que vontade era esta?... - Que eu abrisse uma loja de fazendas.

Vinha um soldado de tirar um dente, e o sargento diz-lhe: - O' bruto, pois tiram-te um dente são e deixam-te no ruim, e não dizes nada, não te queixas? - Mas, meu sargento é que m'o tiraram de graça. - Ah! isso é outro caso.

Um tenente coronel da roça passava revista ao battalhão: - Você já viu, seu pelintra, um soldado usar lunetas? - Mas coronel, eu sou myope. - Maul Mau! Como é que me disseram que você era cearense?

Um creado de «restaurant» limpava os copos ao lenço, quando um freguez, indignado o interpella: - Então V. está limpando os copos ao lenço? Não faz mal: o lenço já está sujo.



MOLDES

Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'A Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes. Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com infancia podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos: R\$. 27 - Boleró Collectinho..... 1\$000 N. 27 - Saita..... 1\$800

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correo mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguitron.